

## REFLEXÕES SOBRE AÇÕES EDUCACIONAIS E CULTURAIS COMO FERRAMENTAS PARA O DEBATE SOBRE O RACISMO

TEIXEIRA, Ricardo Roberto Plaza  
GOMES, Beatriz Aguida

**Resumo** – Este artigo investiga os resultados e impactos de atividades educacionais e culturais que tiveram o racismo como tema central e ocorreram entre o final de 2019 e o início de 2020, junto a alunos do IFSP-Caraguatatuba e convidados da comunidade externa à instituição. Essas ações abordaram também, de forma crítica, outros preconceitos que permanecem arraigados na sociedade brasileira, tais como o machismo e a homofobia. Como fundamentação para estas apresentações, foram analisados alguns referenciais teóricos acerca dos temas abordados e as suas relações com as áreas da educação e da cultura, sobretudo em artigos publicados em revistas científicas, trabalhos submetidos para congressos acadêmicos e capítulos de livros das áreas em questão. Para a sua realização foram pesquisados vídeos de curta duração que pudessem ser utilizados nas apresentações audiovisuais. As atividades tiveram uma abordagem bastante interdisciplinar e procuraram dialogar com situações vivenciadas pelos participantes, sobretudo na questão do preconceito racial. Foram realizados três tipos de atividades: oficinas educacionais, exibições de vídeos curtos e cinedebates. Nas duas oficinas educacionais realizadas, as respostas dadas por escrito à pergunta “você acha que o preconceito está presente em seu meio social” foram analisadas para entender a forma como os preconceitos são reproduzidos pela sociedade.

**Palavras-chave:** Preconceito. Racismo. Educação. Direitos Humanos.

### Introdução

Este artigo tem o objetivo de analisar atividades culturais e educacionais que foram usadas como recursos para debater acerca do racismo e que foram organizadas no contexto do IFSP-Caraguatatuba no final de 2019 e início de 2020. Basicamente são analisados três tipos de ações: oficinas educacionais, exibições de vídeos curtos em espaços abertos (denominados de “flashmobs”) e sessões de cinedebates. Após a introdução é apresentada a fundamentação teórica para o trabalho que foi realizado. Na sequência é então discutido o contexto no qual ocorreram as ações investigadas neste trabalho. A seguir são analisadas em mais detalhes as três variedades de atividades culturais que foram implementadas: oficinas educacionais, exibições de vídeos curtos e debates sobre filmes. Ao término são feitas as considerações finais, com algumas conclusões acerca do trabalho realizado e dos seus impactos.

As ações implementadas procuraram ter como princípio fundamental a ideia de que é importante assegurar uma educação de qualidade que seja inclusiva e equitativa, de modo a promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos os cidadãos. As atividades em foco, ao longo da sua realização, foram objeto de um processo de investigação acerca dos impactos que causaram e das mudanças que produziram junto aos participantes, e os resultados são apresentados e discutidos neste artigo.

### **Fundamentação teórica**

A literatura científica existente sobre o preconceito e a discriminação está relacionada à diversas áreas, com destaque para duas disciplinas, a psicologia e a sociologia, mas, outras áreas, como a história, a educação, a biologia, a economia, a geografia e a filosofia, por exemplo, também fornecem conhecimentos que colaboram para fundamentar os estudos sobre estes temas.

Do ponto de vista da psicologia, o preconceito está relacionado à existência de percepções negativas por parte de indivíduos e grupos que expressam, de diferentes formas, juízos desfavoráveis em face de outros indivíduos e grupos, identificando-os a uma categoria considerada como inferior. Este conceito, manifesta-se muitas vezes, em um ambiente no qual predominam a irracionalidade, o autoritarismo, a ignorância, uma disposição reduzida à abertura mental e a inexistência de contato ou a pouca convivência com os membros dos grupos inferiorizados, o que por sua vez, impede que floresça o sentimento de empatia. Portanto, a psicologia busca nas dinâmicas internas dos sujeitos as raízes do preconceito, nas suas diversas formas de manifestação: racial, sexual, étnica etc. (LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002).

Já do ponto de vista da sociologia, o preconceito pode ser visto como decorrente de relações de poder que permitem o desenvolvimento de atitudes negativas e depreciativas e de comportamentos hostis e discriminatórios em relação aos membros de um grupo tão somente por pertencerem a esse grupo. Muitas vezes isto é viabilizado por meio da construção de estereótipos e estigmas, que são produtos das condições materiais que mantêm a alienação no ser humano. Os estereótipos são, deste modo, a concretização e personificação de preconceitos (AMARAL, 1998). A identificação de um atributo negativo sobre indivíduos, produz uma verdadeira deterioração identitária e, por decorrência, desvantagens sociais. O estigma resulta

justamente do processo de diferenciação social entre os chamados “normais” e os “diferentes”. A disseminação de um estigma e de uma disposição preconceituosa é assimilada pelo grupo, o que indica que a cultura é uma parte importante para a elaboração dos preconceitos de cada indivíduo (GOFFMAN, 1988). Deste modo, em certas situações, o próprio enaltecimento da diferença pode servir a um propósito negativo ao, implicitamente, reforçar preconceitos e estereótipos, quando, por exemplo, se ironiza e se desprestigia reivindicações femininas (VIANNA; RIDENTI, 1998).

Manifestações de preconceito muitas vezes estão associadas a situações permeadas por algum tipo de violência. O estudo da agressividade humana vem se intensificando com o passar do tempo e diversos experimentos têm procurado identificar como comportamentos violentos são disparados pelo cérebro. Geralmente um dos aspectos recompensadores da agressão está associado a sentimentos de superioridade e de dominância, um componente importante de práticas de bullying em ambientes escolares, por exemplo (FIELDS, 2019).

Neste cenário, uma iniciativa que as escolas podem fazer, por exemplo, é criar ambientes educacionais que incentivem uma melhoria da autoestima dos educandos negros: para isso é fundamental conhecer a história desses sujeitos e de seus grupos étnicos e sociais. A ausência de informações sobre a história afro-brasileira e a falta de preparo para atender as especificidades e necessidades dos estudantes negros cooperam para o enfraquecimento da sua autoestima (ROMÃO, 2001). Uma reflexão mais acurada sobre as contradições existentes no seio da sociedade é, deste modo, importante para a compreensão do papel dos movimentos sociais e políticos na luta pela conquista da cidadania por parte de grupos discriminados.

O mundo em que vivemos se baseia num modelo de sujeito dominante que é masculino, branco e heterossexual. Este padrão origina inúmeros preconceitos que se materializam no cotidiano em atitudes que tendem a seguir o padrão dominante. Os preconceitos se manifestam de diversas formas e alguns passam a se sentir superiores porque pertencem a um determinado grupo social, com um tipo de raça/cor/etnia, um dado gênero e uma orientação sexual específica, o que se contrapõe, obviamente, à singularidade de cada ser humano e à diversidade existente no mundo. Na escola, tais discriminações são ainda mais latentes, já que há muitas crianças que trazem de suas casas e famílias certos pré-conceitos que são frutos de concepções dos papéis masculinos e femininos reproduzidos pelos seus pais, por exemplo: embora não sendo

geralmente a principal responsável pela construção deste modo de pensar, a escola colabora para a sua perpetuação quando não o questiona (SILVA; SILVA; SANTOS, 2009).

Apesar da influência marcante da cultura de matriz europeia por força da colonização portuguesa em nosso país, esta cultura “dominante” não conseguiu apagar as culturas indígena e africana: pelo contrário, o colonizador europeu foi influenciado pela riqueza da pluralidade cultural de índios e negros. Mesmo com o fato incontestável de que somos, em virtude de nossa formação histórica, uma nação essencialmente multirracial e pluriétnica, com grande diversidade cultural, a escola brasileira com frequência ainda não aprendeu a conviver com essa realidade e, por consequência, não sabe trabalhar com as crianças e jovens das camadas mais pobres, conjunto esse constituído, na sua grande maioria, de negros e mestiços. Assim sendo, o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar da educação básica pode contribuir decisivamente para a superação do modelo eurocêntrico e a construção de uma educação multicultural na escola brasileira (FERNANDES, 2005). Para isto, um avanço institucional importante, foi a promulgação da Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio de todo o país.

No aspecto legal, a Lei Afonso Arinos (nº 1.390, de 3 de julho de 1951) foi pioneira no Brasil por considerar contravenção quaisquer tipos de preconceitos de raça ou de cor. A partir de 1º de outubro de 1955, tornou-se crime de genocídio a destruição de qualquer grupo nacional étnico, racial ou religioso (Lei nº 2.889). Uma lei posterior (nº 7.170, de 14 de dezembro de 1983) transformou em crime contra a Segurança Nacional qualquer forma de propaganda ou expressão de discriminação racial. Na Constituição de 1988, preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, tais como a prática do racismo, transformaram-se em crimes inafiançáveis e imprescritíveis, sujeitos à pena de reclusão nos termos da lei. Após a promulgação da Constituição de 1988, ocorreram várias emendas sobre um leque enorme de outras formas e expressões de discriminação.

## **Metodologia**

Este artigo analisa algumas possibilidades de uso de recursos audiovisuais em atividades culturais e educacionais com o intuito de provocar uma reflexão mais profunda por parte das

peessoas acerca de preconceitos que estão arraigados na sociedade, particularmente sobre o preconceito racial. Elas foram realizadas no âmbito do campus de Caraguatatuba do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), no contexto de um projeto que articulou ensino, pesquisa e extensão e que teve o propósito de usar e analisar ferramentas e recursos para debater, junto a alunos, acerca de discursos e pensamentos discriminatórios e de intolerância, como o machismo, a homofobia e o racismo.

As ações presenciais deste projeto transcorreram de outubro de 2019 até meados de março de 2020, quando, antes da disseminação da pandemia de COVID-19. Ele foi aprovado no contexto de um edital relacionado ao Programa Institucional de Ensino, Pesquisa e Extensão em Direitos Humanos, Relações Étnico-raciais e Gênero do IFSP. Uma das questões centrais para a sua constituição, portanto, foi a defesa da construção da cidadania pela valorização da identidade étnico-racial, principalmente de negros e indígenas, por meio de ações afirmativas nas áreas da educação e da cultura. As atividades que foram realizadas e são analisadas neste artigo procuraram dialogar com o imaginário das pessoas, com suas visões de mundo e suas experiências prévias acerca dos temas tratados, de modo a incentivar a formação de um pensamento crítico acerca de hábitos e concepções que estão na gênese de preconceitos que estão muito arraigados na sociedade brasileira e que têm sido transmitidos de geração para geração ao longo da história.

Para refletir sobre os impactos da discriminação na sociedade, foram elaboradas apresentações audiovisuais mediadas por recursos e ferramentas que pudessem de algum modo sensibilizar os jovens para a percepção acerca de situações em que os preconceitos se manifestam no cotidiano e para a compreensão sobre a necessidade de combatê-los. Para isso foram selecionados materiais audiovisuais com potencial educacional, como, por exemplo, vídeos-ensaios de curta duração, cenas de filmes e documentários, trechos de vídeos de entrevistas com personalidades e lideranças de movimentos sociais e videoclipes com músicas cujas letras guardassem uma relação com os temas em questão. A exibição de vídeos, no âmbito do IFSP-Caraguatatuba, foi realizada por meio de equipamentos existentes na instituição para este tipo de ação, como projetor (datashow), caixa de som e tela branca, além de um microfone, quando foi necessário.

A fundamentação teórica das atividades realizadas foi feita a partir da leitura e análise de artigos de revistas especializadas, trabalhos apresentados em congresso acadêmicos e

capítulos de livros, teses e dissertações relacionados aos temas estudados. Os artigos e trabalhos foram obtidos na base do Scielo e do “Google Acadêmico” (“Google Scholar”), usando como palavras-chave nas consultas, termos como “racismo”, “preconceito”, “discriminação”, “educação”, “música”, “cultura” e “direitos humanos”. Esta revisão bibliográfica permitiu encontrar algumas obras de referência e importantes em áreas relacionadas ao estudo acerca da discriminação e às políticas de combate a preconceitos. As atividades foram realizadas em consonância com o Regulamento Interno do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFSP (2015) e com o Regulamento Interno do Núcleo de Estudos Sobre Gênero e Sexualidade do IFSP (2016), com o intuito de valorizar a diversidade e superar preconceitos e discursos de ódio.

### **Possibilidades formativas na realização de oficinas educacionais**

Ao longo da década de 2010, no mês de outubro de cada ano, sistematicamente aconteceu em nível nacional e, também, no âmbito de cada campus do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), a chamada Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT). Este evento, pela sua amplitude e pela diversidade de temas tratados, se constitui em um momento adequado para a realização de atividades que procurem integrar educação, ciência e cultura tendo como eixos condutores questões e problemas que atingem a sociedade das mais variadas formas.

Levando em consideração este cenário, na SNCT de outubro de 2019, no âmbito do campus de Caraguatatuba do IFSP, foi planejada uma oficina educacional aberta tendo o título “Rodeados por Preconceitos”, para ser executada em dois períodos letivos, matutino e noturno. A atividade ocorreu em uma terça-feira: como neste ano, durante os dias da SNCT, os alunos do IFSP-Caraguatatuba não tiveram aulas regulares, eles puderam escolher com liberdade em quais atividades, dentro de um leque de possibilidades, eles participariam. Das oficinas “Rodeadas por Preconceitos” participaram sobretudo alunos dos cursos de Licenciatura em Matemática, no período matutino, e em Física, no período noturno, que constituíram o público-alvo dessas ações; entretanto, também estiveram presentes estudantes de outros cursos superiores e técnicos da instituição. O eixo temático desta ação se concentrou nos estudos existentes acerca dos preconceitos e nas formas de combatê-los. Durante estas oficinas que ocorreram em duas diferentes salas de aula regulares do IFSP-Caraguatatuba e que duraram

cerca de 2 horas cada um, foram apresentados vídeos curtos com músicas que pudessem provocar reflexões a respeito de práticas sociais que, frequentemente, reproduzem e disseminam preconceitos contra diferentes grupos sociais, especialmente contra negros, mulheres e homossexuais. Não foi feita nenhuma seleção acerca dos alunos participantes nestas oficinas: todos que se inscreveram participaram; além disso, mesmo alunos que não se inscreveram, mas que estavam interessados, puderam também participar. No período matutino, a participação majoritária foi de alunos de cursos superiores e do ensino técnico integrado ao ensino médio, enquanto no período noturno a participação majoritária dos cursos superiores

Dois vídeos em especial foram trabalhados nestas oficinas. O primeiro vídeo trabalhado foi “Racionais: por um Brasil menos ignorante” (com aproximadamente 17 minutos de duração), uma produção do canal “Meteoro Brasil”<sup>1</sup> do YouTube, no qual é abordada e analisada a trajetória do grupo Racionais Mc’s, a origem de suas composições e as discussões dentro das periferias de São Paulo sobre a necessidade de combate aos preconceitos. Em seguida, foi trabalhado também o vídeo “Papo VIP — Emicida, sobre música, racismo e a vida”<sup>2</sup> (com aproximadamente 3 minutos de duração), que é uma entrevista realizada pelo canal do YouTube “Revista VIP”, em que o rapper, compositor e ativista Emicida fala sobre música, racismo, sua trajetória e as influências que recebeu como artista negro. Os dois vídeos foram escolhidos por abordarem obra de excelente qualidade artística de músicos que têm se manifestado no passado, em suas músicas, com bastante veemência sobre a necessidade de se combater o racismo na sociedade brasileira.

Após a apresentação dos vídeos, em ambos os períodos, houve uma discussão com os estudantes presentes sobre a compreensão deles acerca do tema e sobre como eles percebiam os preconceitos existentes na sociedade. Este debate, mediado pelos organizadores da atividade, proporcionou uma abertura para que alguns alunos relatassem os próprios casos em que eles estiveram envolvidos, seja como vítimas de preconceito ou seja reconhecendo momentos em que eles mesmos reproduziram discursos preconceituosos.

No período matutino n=32 alunos participaram da oficina, sendo que 72 % eram do gênero feminino e 28 % eram do gênero masculino. Já no período noturno, n=14 alunos participaram da oficina, sendo que 57 % eram do gênero feminino e 43 % eram do gênero

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hp-zkcj9n38>. Acesso em: 28 ago. 2021.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VQywZPGCBa4>. Acesso em: 28 ago. 2021.

masculino. O total de participantes nas duas oficinas foi, portanto, de 46 alunos. O público-alvo da oficina realizada no período matutino foi constituído de alunos do curso de Licenciatura em Matemática, mas estiveram presentes também alunos do ensino técnico em informática integrado ao ensino médio. No período noturno, o público-alvo foi de alunos do curso de Licenciatura em Física.

Ao término de cada uma das duas oficinas, uma questão aberta foi feita aos participantes e foi solicitado que eles escrevessem as suas considerações a respeito da pergunta em uma folha de papel que foi entregue aos organizadores ao final. A questão apresentada aos participantes foi: “Você acha que o preconceito está presente em seu meio social?” Ela foi elaborada para investigar as concepções expressas pelos alunos e o modo como eles reconheciam os preconceitos e discursos de ódio que permeiam a sociedade.

A seguir são apresentadas algumas das respostas dadas pelos presentes na oficina realizada no período matutino:

*- Sim, com certeza! Pelo fato de viver em um bairro “perigoso” as pessoas de fora costumam generalizar que todos que vivem nesse meio, também são perigosos. E, também, pelo fato de existirem “piadinhas” em relação ao estilo e cor das roupas das pessoas que convivo.*

*- De modo velado, as pessoas não admitem, mas se irritam quando o assunto acontece; esses dias estava voltando com meu filho na garupa da bicicleta cantando Racionais e um cara na praça começou a rir muito alto, fiquei com um sentimento complicado de aceitação.*

*- Eu acredito que sim, esses preconceitos ocorrem em toda a sociedade, o tempo todo e em todos os lugares. Isso é facilmente perceptível quando você se encaixa em algum desses nichos “menos aceitos”.*

*- Sim. A cultura do preconceito é muito enraizada na vida das pessoas, então atos de racismo são ‘normais’, apesar de que isso não deveria ser normal. Comentários sobre negros e várias situações em que alguém é colocado como diferente somente pela sua cor, é algo que eu vivencio bastante, mesmo lutando para que isso não aconteça.*

*- Sim, pessoas perdendo oportunidades de emprego por sua cor, sendo confundidas com ladrões ou traficantes, sendo desmerecidas por terem uma cor da pele mais escura ou um cabelo crespo, tais ações deixam bem claro que se for branco do cabelo liso você ‘tem mais valor’ para esta sociedade preconceituosa.*

*- Sim, diariamente acontecem casos de preconceito não só comigo, mas com pessoas do meu convívio social.*

*- O preconceito está estabelecido em todo meio social, seja ele qual for e em diversas formas, desde as enraizadas até as violentas.*

*- Sim, acredito que o preconceito esteja bastante presente no meu meio social.*

- Sim. Alguns familiares fazem comentários como: “cor suja”, “coisa de preta”...
- Sim. Comentários de forma despreziosa que normalmente acabam indo para o lado racista, dentro de casa.
- Sim, na igreja, acho isso devido a pequenos “comentários” que escuto frequentemente.
- Sim, está presente. Principalmente no trabalho e na igreja.
- Sim, mas normalmente aparece em frases cotidianas, piadinhas sem graça ou até mesmo em nomes de objetos simples como o lápis “cor de pele”.
- Com certeza. Por ser negra quando vou a algum lugar, por exemplo, consultório médico (particular) os olhares ao entrar são visíveis, como se meus pais não tivessem grana para uma consulta. E principalmente pelo meu pai ser branco e de olho azul, quando ele vem nas reuniões aqui no IF há professores que ficam na “dúvida” e realmente perguntam se ele é meu pai.
- Sim, apesar de ser branca, já presenciei racismo com amigos próximos, além do fato do nosso presidente ser claramente racista.
- Sim, infelizmente atitudes que desrespeitam as escolhas, opções, raça, cor e etnia das pessoas ainda são muito presentes em nossa sociedade.
- Sim, a todo momento presenciamos o preconceito, muitas vezes até dentro de nossas residências com comentários racistas de nossos familiares.
- Sim. Minha família é formada inteiramente por negros, e desde pequena eu vejo como o preconceito, principalmente o racismo sempre esteve presente, seja através de uma piadinha “inocente” ou um olhar torto quando estávamos em um local público. Os preconceitos estão sempre ali, e sempre existe alguém que escolhe alimentá-lo ao invés de combatê-lo.
- Sim, eu tenho família conservadora e amigos com famílias conservadores, então os pais tendem a ser machistas e preconceituosos.
- Sim, muito. Sofro preconceito por ser negra e as pessoas levarem o fato de uma cor de pele influenciar na capacidade.

Na sequência são apresentadas algumas das respostas dadas pelos participantes da oficina que ocorreu no período noturno (neste caso, algumas pessoas responderam simplesmente “sim):

- Como o preconceito é fruto de uma construção histórica, é natural, mas não justificável, que haja pessoas retrógradas no seu contexto social, o que implica que a desconstrução do preconceito demanda tempo e é preciso um esforço coletivo para tal.
- Sim, muito estruturalmente, uma vez que o preconceito é claramente praticado pelo presidente do país, mas também temos que levar em conta que fazemos parte do ensino superior e vemos ainda que negros são quase inexistentes nesse sistema.

- Sim. Além do convívio externo, dentro de casa isso é bem notório. Vivo com meus avós, assim eles apresentam uma tendência mais conservadora, um exemplo disso é o comentário de um deles a respeito do meu cabelo “pixaim”: “Enquanto você tiver esse cabelo feio de preto, não vai arrumar namorada”.

- Sim. Embora haja um crescimento em práticas que vão contra essas práticas, ainda assim há muitos preconceitos institucionalizados e enraizados na nossa sociedade.

- Sim, de uma forma muito sutil e velada, mas realmente existe.

- Preconceito está em todo meio social.

- Sim! O racismo é estrutural e pouco debatido, assim como as demais opressões.

- Existe, muito.

As reverberações dessas frases indicam claramente que o tema e a abordagem utilizada dialogaram com preocupações e constatações dos presentes acerca de como o racismo está presente e se manifesta no seio de nossa sociedade. Os relatos principais contidos nestas respostas mostram alunos que sofrem com o preconceito e refletem criticamente sobre comentários discriminatórios que ouvem de seus próprios famílias e entre outros grupos sociais, tais como na igreja e em rodas de amigos. Há duas motivações principais para o racismo (GOMES, 2005). A primeira seria uma aversão a determinadas características raciais, como repulsa pela cor da pele ou tipo de cabelo. A segunda motivação é a crença de que negros, pretos e pardos sejam inferiores. Etnocentrismo é um mecanismo do racismo, a crença de que existem culturas superiores e inferiores. Dentre os depoimentos dados pelos alunos em suas respostas, em alguns casos são ressaltadas as ofensas ao tipo de cabelo e à cor da pele, o que traz implícita a classificação do negro como um ser incapaz ou marginal.

O aprendizado que pode ser potencializado por esta oficina foi muito além da fundamentação teórica com referências bibliográficas que foi apresentada na parte inicial da sua execução: as narrativas apresentadas pelos estudantes auxiliaram a compreender como o discurso de ódio permeia ambientes que podem parecer inofensivos e de que modo afetam a realidade de quem sofre com os preconceitos.

### **Possibilidades formativas na exibição de vídeos curtos em espaços abertos**

Um momento em que, nas escolas, em geral, e no IFSP-Caraguatatuba, em especial, os alunos de diferentes turmas e cursos se encontram nos pátios destas instituições de ensino e

interagem entre si é nos intervalos das aulas no meio de cada um dos três períodos letivos (matutino, vespertino e noturno). No caso do IFSP-Caraguatatuba, estes intervalos têm a duração de 15 minutos e o pátio está situado na frente de onde se localiza a lanchonete da instituição, na região aberta e central da edificação, rodeada pelo prédio que forma uma espécie de retângulo em torno. Este pátio conta com mesas compridas e bancos nos quais muitos alunos podem sentar e comer algo ou somente conversar durante os momentos sem aula. Além disso, pelas árvores e pela cobertura para proteger os alunos da chuva existentes nesta área, mesmo durante o dia, a luz solar não prejudica excessivamente as condições de visibilidade dos vídeos exibidos.

Tendo em vista este contexto foram pensadas ações envolvendo a exibição de vídeos curtos sobre a questão dos preconceitos no pátio do IFSP-Caraguatatuba, para ocorrerem nos intervalos de aula. Estes eventos, pela sua curta duração (de no máximo 15 minutos) foram denominados de “*flashmobs*” (“mobilizações rápidas”) um termo usado, em inglês, para designar atividades culturais e artísticas (geralmente apresentações musicais ou de dança) em espaços públicos abertos que duram poucos minutos, com os executores da ação se dispersando após o seu término. Nos eventos com estas características que foram realizados com o apoio e suporte dos autores deste artigo, para a exibição dos vídeos, foram utilizados equipamentos disponíveis na instituição e adequados para este tipo de ação, tais como um projetor *datashow* móvel, uma caixa de som, uma tela branca, um microfone e um fio de extensão para ligar os equipamentos na tomada mais próxima. O uso da caixa de som colaborou para que os vídeos exibidos ficassem audíveis mesmo durante o intervalo, período no qual as conversas entre alunos provocam, na área do pátio da escola, um aumento considerável do nível sonoro (“ruído de fundo”). Dois *flashmobs* deste tipo, com o intuito de provocar reflexões sobre preconceitos, foram realizados e serão descritos e analisados a seguir.

Em novembro de 2019, no intervalo das aulas do período vespertino, de uma terça-feira, foi planejado e realizado no pátio do IFSP-Caraguatatuba, um *flashmob* intitulado “Músicas contra preconceitos”, com a exibição de vídeos curtos de três canções com o intuito de provocar uma reflexão sobre preconceitos que estão muito presentes na sociedade brasileira. O primeiro vídeo apresentado foi aquele com a canção “Cota não é esmola” de Bia Ferreira<sup>3</sup> (com cerca

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QcQIaoHajoM>. Acesso em: 28 ago. 2021.

de 6 minutos de duração), que trata de questões como o racismo vivenciado por jovens negros e as cotas raciais para ingresso em cursos superiores de instituições públicas de ensino. O segundo vídeo apresentou a música “Sou classe média”<sup>4</sup> de Max Gonzaga (com cerca de 3 minutos de duração), que é uma crítica a uma parcela da classe média que ignora os problemas sociais até o momento em que elas não são mais beneficiadas por estas desigualdades. O terceiro vídeo apresentou a música “Rua de passagem (Trânsito)”<sup>5</sup> de Lenine (com cerca de 3 minutos de duração), na qual o cantor traça paralelos entre a educação no trânsito e a defesa dos direitos humanos. Os três vídeos foram escolhidos pelo fato de as letras das músicas em questão evidenciam, de modo bastante claro, manifestações de preconceito ainda tão comuns em nossa sociedade. O público-alvo neste caso foi constituído sobretudo de alunos dos cursos técnicos do IFSP-Caraguatatuba, que funcionam no período vespertino.

Durante este primeiro *flashmob*, muitos alunos acompanharam as músicas exibidas cantando suas letras. As conversas estabelecidas com alguns estudantes após o término desta atividade evidenciaram como a arte é uma ferramenta poderosa para provocar reflexões sobre, por exemplo, as circunstâncias em que acontecem os preconceitos no seio da sociedade e as barreiras de classe, raça, gênero e orientação sexual que são as fontes destes preconceitos.

O segundo *flashmob* foi realizado na primeira quinzena de março de 2020, no intervalo das aulas do período matutino, em uma segunda-feira, alguns dias antes das aulas presenciais serem suspensas devido à pandemia de COVID-19. Ele procurou abordar as questões raciais e de gênero envolvidas especificamente nas áreas acadêmicas associadas à pesquisa em matemática no Brasil, dando destaque para dados que evidenciam a pouca presença de mulheres negras trabalhando como pesquisadoras e professoras universitárias de matemática em nosso país. O vídeo exibido, que faz parte de um trabalho desenvolvido pelo Instituto Serrapilheira, tem como título “Potência N”<sup>6</sup>, conta com cerca de 16 minutos de duração e está disponível no canal “Gênero e Número” do YouTube.

Este minidocumentário acompanhou um grupo de 20 matemáticas negras durante o Congresso Internacional de Matemáticos (ICM), de 2018, que aconteceu em agosto, no Rio de Janeiro (CUDISCHEVITCH, 2018). A participação destas matemáticas no ICM, que é o maior

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TOOUrZNiGJs>. Acesso em: 28 ago. 2021.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F4d7pgwRcNE>. Acesso em: 28 ago. 2021.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=untetrh5MyM>. Acesso em: 28 ago. 2021.

evento da área no mundo, ocorreu no contexto da criação de um espaço para que mulheres matemáticas pudessem compartilhar os seus trabalhos e, ao mesmo tempo, discutir problemas relacionados não somente a gênero, mas também a raça. Este minidocumentário apresenta também relatos de outras matemáticas de países da África e América do Sul. Este vídeo foi escolhido devido ao fato de abordar ao mesmo tempo duas situações de preconceito – de gênero e de raça/cor – sobre as quais é importante refletir, pois envolvem a maioria absoluta da população brasileira em ambos os casos: pessoas do gênero feminino constituem mais de 50 % da sociedade brasileira<sup>7</sup>, assim como pessoas afrodescendentes (pretos e pardos) compõe mais da metade da população brasileira<sup>8</sup>.

Apesar de um *flashmob* ter, geralmente, a característica de ser uma atividade mais dinâmica e rápida, os estudantes que presenciaram a atividade no pátio da instituição, organizaram-se após a sua exibição para um pequeno debate acerca dos temas tratados e mostraram-se bastante interessados pela discussão dos dados apresentados neste minidocumentário. Neste debate foi destacada a importância de políticas públicas que colaborem para a ampliação da diversidade de raça e de gênero nos ambientes acadêmicos, como é o caso, por exemplo, das políticas de ações afirmativas para o ingresso dos alunos em cursos das instituições federais de ensino superior. Como o curso de Licenciatura em Matemática do IFSP-Caraguatatuba funciona no período matutino, muitos alunos das diferentes turmas deste curso assistiram o vídeo – eles constituíram o público-alvo básico desta atividade – e participaram do debate que houve após a exibição: a proximidade do tema do vídeo com a realidade de diversas alunas deste curso com certeza foi um dos fatores que motivou o considerável interesse que ocorreu acerca desta obra.

### **Possibilidades formativas na realização de um cinedebate**

O IFSP-Caraguatatuba conta com um auditório dotado de poltronas para cerca de 100 pessoas e de equipamentos de projeção e de som para a exibição de filmes, documentários e vídeos. Como não há janelas neste espaço, a luminosidade não prejudica a visibilidade dos

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 31 ago. 2021.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 31 ago. 2021.

vídeos exibidos, mesmo em atividades que acontecem durante os períodos matutino e vespertino. Além disso, como este auditório está localizado em uma região mais afastada do pátio central da instituição, geralmente há um silêncio bastante adequado para que o som dos vídeos seja escutado com perfeição pelos presentes.

Entre os anos de 2015 e 2019, no contexto de um projeto de extensão denominado “Cinedebate”, um dos autores deste artigo realizou neste auditório dezenas de cinedebates envolvendo a exibição e a discussão de obras cinematográficas sobre os mais variados assuntos, inclusive, em vários momentos, sobre filmes e documentários que tratavam de temáticas associadas à luta por direitos humanos e contra preconceitos como o racismo, o machismo e a homofobia. Estas atividades sempre foram totalmente gratuitas, abertas a todos os interessados das comunidades interna e externa ao IFSP e com objetivos eminentemente culturais e educacionais. Como os calendários letivos do IFSP-Caraguatatuba ao longo destes anos apresentava diversos “sábados letivos” (em média, entre um e dois sábados letivos por mês), muitos destes cinedebates aconteceram no período matutino (geralmente no final da manhã, entre 10 horas e meio-dia) destes sábados letivos. A presença dos alunos e da comunidade externa nestes eventos sempre foi significativa e em alguns deles o auditório atingiu a sua lotação máxima. Cada sessão de cinedebate usualmente consistia em uma breve apresentação inicial da obra cinematográfica em questão, seguida pela sua exibição e, por fim, pelo debate entre os presentes sobre os assuntos abordados na obra exibida, debate este mediado pelos organizadores do evento.

Deste modo, na manhã de um sábado letivo de novembro de 2019, ocorreu o cinedebate sobre o filme “Loving - Uma História de Amor”, dirigido e escrito por Jeff Nichols, lançado em 2016 e com cerca de 2 horas e 3 minutos de duração<sup>9</sup>. O filme trata basicamente da história de Richard e Mildred Loving (interpretados pelos atores Joel Edgerton e Ruth Negga), que se casaram em 1958, nos Estados Unidos, e, posteriormente, foram presos pelo fato de formarem um casal inter-racial. Este fato real ocorrido no estado da Virgínia provocou uma batalha legal que culminou na decisão histórica da Suprema Corte dos EUA de 1967 que tornou inconstitucional qualquer lei estadual que proibisse casamentos inter-raciais e deliberou que o casamento é um direito inato do ser humano. O filme tratou essencialmente da luta na década

---

<sup>9</sup> Mais informações sobre este filme podem ser encontradas no site do IMDB – Internet Movie Database, disponível em: [https://www.imdb.com/title/tt4669986/?ref=fn\\_al\\_tt\\_1](https://www.imdb.com/title/tt4669986/?ref=fn_al_tt_1). Acesso em: 28 ago. 2021.

de 1960 pelos direitos civis dos negros estadunidenses contra as leis de segregação racial. No seu voto, o presidente da Suprema Corte, o ministro Earl Warren, escreveu: “O casamento é um dos direitos civis básicos do homem (...) Negar aos cidadãos esse direito é subverter o princípio constitucional da igualdade e privar os cidadãos da liberdade, sem o devido processo” (MELO, 2017). Posteriormente, tendo como base esta decisão de 1967, a Suprema Corte dos EUA, em 2015, declarou a inconstitucionalidade das leis estaduais proibindo casamentos de pessoas do mesmo sexo. Portanto, a história de Richard e Mildred Loving não ajudou somente a banir uma legislação racista, mas também a derrubar uma legislação homofóbica.

Este cinedebate foi pensado para ocorrer no mês de novembro, no qual está o dia em que se celebra a “Consciência Negra” (20 de novembro), de modo que discussões sobre temas como racismo e desigualdade racial já estão, usualmente, ocorrendo em diferentes esferas da sociedade. O filme “Loving - Uma História de Amor” foi escolhido devido as suas qualidades cinematográficas excelentes e devido ao fato de abordar uma história real, acerca de como o racismo e a segregação racial podem atentar direitos humanos básicos de cada cidadão, como por exemplo, poder constituir uma família com a pessoa com a pessoa amada. O público-alvo atingido foi de alunos de cursos superiores e técnicos do IFSP-Caraguatatuba.

No dia do cinedebate, no início, o filme foi resumidamente apresentado ao público e em seguida exibido. Após a sua exibição foi feito um debate que provocou reflexões sobre os temas tratados e que ressaltou as diferenças históricas entre os Estados Unidos e o Brasil, o que por consequência gerou diferenças nas formas pelas quais o racismo se manifesta em cada uma destas duas sociedades. Por exemplo, após a abolição da escravidão, no Brasil, não existiram leis de segregação racial como aquelas existentes nos EUA até a década de 1960. Entretanto, a ausência de leis de segregação racial no Brasil, obviamente não implica na inexistência do racismo no Brasil, no passado ou no presente, pois o preconceito racial em nosso país está muito relacionado a questões estruturais e a desigualdades raciais, que se manifestam em termos econômicos e educacionais, e que existem de modo muito intenso até os dias de hoje. Como o cinema norte-americano tem uma força enorme no imaginário das pessoas, muitos formam, equivocadamente, a ideia de que o racismo só se manifesta na forma mais visível da segregação racial: refletir sobre isto foi algo importante no contexto do debate realizado.

Outro ponto que foi destacado pelos participantes do debate que se seguiu à exibição do filme, foi a respeito da utilização de argumentos religiosos como forma dos segregacionistas

tentarem justificar as leis racistas que vigoravam até os anos 1960, sobretudo nos estados do sul dos EUA. Por exemplo, isto ocorre na cena no qual um juiz decide proibir casamentos interraciais argumentando que Deus criou diferentes raças e colocou-as separadas em diferentes continentes, pois não queria que elas se misturassem. Ocorre também na cena em que um policial procura justificar as leis que proibiam a miscigenação, afirmando: “Essa é a lei de Deus”.

Esta sessão de cine debate teve um considerável impacto junto aos participantes, pela profundidade e diversidade dos temas que foram discutidos após a exibição do filme. O cinema além de ser umas das artes mais populares e apreciadas pelos cidadãos, pode ser também um recurso educacional para provocar uma discussão frutífera acerca de certos temas e para produzir conhecimentos por meio do intercâmbio de ideias. Pela forma como as histórias são contadas, o cinema possibilita, a quem o assiste, colocar-se no lugar do outro, o que pode ajudar na produção da empatia, sentimento este fundamental para a vida civilizada. A ampliação do repertório cinematográfico de qualidade pode também ajudar a fazer com que as pessoas pensem em questões sobre as quais nunca pensaram antes, ampliando a visão de mundo e compreendendo melhor acerca da complexidade do mundo. Portanto, o uso em atividades educacionais de obras cinematográficas que não foram elaboradas para finalidades didáticas pode apresentar bons resultados quando for acompanhado pelo planejamento adequado (NAPOLITANO, 2005).

### **Considerações finais**

É importante investigar a forma como são construídos os preconceitos, as condições em que eles emergem e os modos como se tenta negar ou dissimular a sua existência (BANDEIRA; BATISTA, 2002), sobretudo se o intuito é provocar uma reflexão sobre eles em ambientes escolares. A educação pode colaborar na criação de uma sociedade menos preconceituosa e desigual, em especial, em termos raciais. A escola não faz milagres – até porque há outros mecanismos que influenciam muito mais a formação de valores pelos alunos, dentre os quais, a família, a mídia e as redes sociais – mas ela possui um potencial para pelo menos problematizar, junto aos jovens, questões relacionadas aos direitos humanos, à necessidade de existência de um tratamento igualitário para todos os seres humanos e ao rompimento das

barreiras que separam os cidadãos entre si, por quaisquer motivos: classe social, raça, gênero, orientação sexual etc.

Os seres humanos são diferentes e diversos entre si nas formas pelas quais se manifestam, mas não podem ser tratados de modo desigual se aspiramos viver em uma democracia real, pois a essência de cada ser humano é única e, portanto, todos devem ser considerados iguais entre si. A educação pode ser um veículo que enfatize estes aspectos e que ajude no combate ao preconceito, a atitudes de intolerância e a discursos de ódio, pois um dos papéis da escola é justamente colaborar para a construção de identidades positivas de pessoas e grupos estigmatizados (PEREIRA, 2001).

Este artigo procurou analisar atividades de cunho cultural e educacional acerca de temas como racismo, preconceitos e ações afirmativas. Os três tipos de ações realizados (oficinas educacionais, sessões de exibição de vídeos curtos em espaços abertos e cineclubes) mostraram-se excelentes alternativas para uma abordagem acerca destes temas: elas conseguiram se aprofundar nas questões envolvidas e, também, provocaram reflexões críticas dos participantes acerca da sociedade em que vivem e dos hábitos e valores que os membros desta sociedade têm, inclusive, os próprios participantes das ações analisadas neste artigo. Em particular a pesquisa realizada evidenciou uma ampla diversidade de possibilidades no uso de vídeos de curta duração (disponíveis em sites de armazenamento de vídeos, como é o caso do YouTube) em atividades que pretendem refletir sobre preconceitos.

Pelas diversas manifestações por parte dos envolvidos, ficou patente que há um grande potencial didático na apreciação audiovisual dos materiais de caráter videográfico utilizados, como prática educativa para a formação de cidadãos com uma maior consciência acerca da necessidade de combater o racismo e as desigualdades raciais.

Para o sucesso de ações como estas, alguns fatores devem ser considerados, como, por exemplo, o perfil do público que estará presente, as obras videográficas e os temas que serão trabalhados, a duração do evento, o local onde ele ocorrerá e os equipamentos disponíveis para a sua viabilização. Deve existir também um planejamento de cada ação por parte dos educadores envolvidos e que conduzirão a ação e os debates que poderão ocorrer ao longo dela: as informações fornecidas devem estar fundamentadas em bases sólidas e confiáveis e é importante que sejam fornecidas aos participantes mais interessados algumas dicas de leituras e vídeos que podem ser consultados sobre os temas em questão.

## Agradecimentos

Agradecemos à Pró-Reitoria de Ensino do IFSP pelo fomento para a realização deste trabalho.

## REFLECTIONS ON EDUCATIONAL AND CULTURAL ACTIONS AS TOOLS FOR THE DEBATE ABOUT RACISM

**Abstract** – This article investigates the results and impacts of educational and cultural activities with racism as a central theme and which took place between the end of 2019 and the beginning of 2020, with students from the IFSP-Caraguatatuba and guests from the community outside the institution. These actions also critically addressed other prejudices that remain ingrained in Brazilian society, such as sexism and homophobia. As a foundation for these presentations, some theoretical references on the topics covered and their relationships with the areas of education and culture were analyzed, especially in articles published in scientific journals, papers submitted to academic conferences and book chapters in the areas in question. For its realization, short videos that could be used in audiovisual presentations were investigated. The activities had a very interdisciplinary approach and sought to dialogue with situations experienced by the participants, especially in relation to racial prejudice. Three types of activities were carried out: educational workshops, short video exhibitions and cinedebates. In the two educational workshops held, the answers given in writing to the question “do you think prejudice is present in your social environment” were analyzed to understand how prejudices are reproduced by society.

**Keywords:** Prejudice; Racism; Education; Human Rights.

## Referências

AMARAL, Lígia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, Julio Groppa. **Diferenças e preconceito na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 119-141, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11632.pdf>. Acesso em 25 ago. 2021.

CUDISCHEVITCH, Clarice. Minidocumentário expõe a realidade de 20 matemáticas negras do Brasil. **Serrapilheira**, 2018. Disponível em: <https://serrapilheira.org/minidocumentario-expoe-realidade-de-20-matematicas-negras-do-brasil/>. Acesso em: 28 ago. 2021.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/sThSK33jrNMh5hQxB7VHWmJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em 25 ago. 2021.

FIELDS, R. Douglas. As raízes da agressividade humana. **Scientific American Brasil**, ano 18, n. 196, p. 58-65, junho 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação antirracista**: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03. Brasília, DF: MEC/Secadi, p. 39-61, 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2021.

IFSP. **Portaria Nº 2.587 de 28 de julho de 2015**: Regulamento Interno do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFSP. 2015. Disponível em: [https://ifsp.edu.br/images/reitoria/Nucleos/Neabi/Regulamento-Interno-do-NEABI\\_2018.pdf](https://ifsp.edu.br/images/reitoria/Nucleos/Neabi/Regulamento-Interno-do-NEABI_2018.pdf). Acesso em: 28 ago. 2021.

IFSP. **Portaria Nº 1.861 de 06 de maio de 2016**: Regulamento Interno do Núcleo de Estudos Sobre Gênero e Sexualidade do IFSP. 2016. Disponível em: [https://itq.ifsp.edu.br/images/NUGS/Portaria\\_1861\\_06\\_05\\_2016\\_Regulamento\\_Interno\\_Organizacao\\_e\\_Funcionamento\\_NUGS.pdf](https://itq.ifsp.edu.br/images/NUGS/Portaria_1861_06_05_2016_Regulamento_Interno_Organizacao_e_Funcionamento_NUGS.pdf). Acesso em: 28 ago. 2021.

LACERDA, Marcos; PEREIRA, Cícero; CAMINO, Leoncio. Um Estudo sobre as Formas de Preconceito contra Homossexuais na Perspectiva das Representações Sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 165-178, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/bxYBcQWzD94mPvKZJj9c5Lt/abstract/?lang=pt>. Acesso em 27 ago. 2021.

MELO, João Ozório de. EUA celebram 50 anos de decisão judicial que foi "marco dos direitos civis". **Conjur**, 2017. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2017-jun-16/eua-celebram-50-anos-decisao-foi-marco-direitos-civis>. Acesso em: 28 ago. 2021.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2005. ONU. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/sustainable-development-goals.html>. Acesso em: 27 ago. 2021.

ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima no educando negro. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação**: Repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro Edições, 2001.

SILVA, Alaiane de Fátima dos Santos; SILVA, Daiana da; SANTOS, Iara Amora dos. **Por uma educação não sexista**. Rio de Janeiro: Casa da Mulher Trabalhadora, 2009. Disponível em:

[http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/316/CAMTRA\\_por\\_uma\\_educao\\_nao\\_sexista.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/316/CAMTRA_por_uma_educao_nao_sexista.pdf?sequence=1). Acesso em 18 ago. 2021.

VIANNA, Cláudia; RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, Julio Groppa. **Diferenças e preconceito na escola**: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.